



# Discussão 17

## Dando responsabilidade para as crianças



### No Capítulo 17 da História do Pequeno Reino

O Sol volta a brilhar no Pequeno Reino e os pequenos Súditos saem de novo para encontrar a Natureza e os seus amigos da real comunidade. A Rainha e a Fada discutem a importância de dar responsabilidades para as pequenas Súditas e para os pequenos Súditos.



Falar em termos de dar responsabilidades para as crianças nos permite encarar toda essa proposta sob um outro ângulo: a ideia central passa a ser a de **procurar envolver cada vez mais as crianças nas decisões que lhes dizem respeito**.

Assim, muitas ideias que vimos até agora ganham uma nova importância, quando pensamos nelas em termos de como as crianças podem começar a assumir mais responsabilidades, no cotidiano.

Isso pode incluir coisas, como permitir sua participação na organização dos espaços e na escolha de brincadeiras, deixar que elas próprias conduzam rotinas como a "chamada" e o "calendário", que cuidem de bichos e plantas, escolham temas de pesquisa ou de estudo, e que tenham participação na avaliação de seus resultados de aprendizagem.

Em todas essas situações, as crianças se envolvem na organização de suas próprias atividades, e você pode cada vez mais dividir a responsabilidade pela gestão do dia a dia da sala com elas.



### Ideias e Sugestões

Vamos ver algumas ideias sobre como "dar responsabilidades" para as crianças, começando com coisas simples:

#### Responsabilidade e as atividades educativas

Não estamos sugerindo que as crianças comecem a tomar todas as decisões em relação ao que fazer dentro da sala, mas existe uma série de situações simples em que deixar que as crianças assumam a responsabilidade pode ser bom para você e para elas. Por exemplo:

#### Arrumando a sala

Talvez você se lembre dos dois próximos parágrafos, que já apareceram na Discussão 3:

*Em 1994, nós observamos uma sala de Maternal II (três a quatro anos) de uma creche da cidade de Campo Largo, próxima a Curitiba. Todos os dias, depois de rotinas, como o café, escovar os dentes, fazer uma "chamada" e um "calendário", **as crianças eram convidadas a arrumar a sala para que elas mesmas brincassem**. As crianças então se organizavam para decidir e arrumar espaços para as bonecas, para desenhar, para a "cozinha", para os livrinhos, etc. Durante um bom tempo, elas brincavam ali, mostrando alegria e concentração. As educadoras passeavam pela sala, colocavam músicas, conversavam com as crianças, liam histórias e, quando achavam que as crianças estavam "se dispersando", sugeriam algum outro tipo de atividade.*

*As educadoras dessa sala eram "leigas" e recebiam salários irrisórios. Eram orientadas por uma*



*pedagoga extremamente competente, e aquela sala, certamente, era um lugar muito gostoso de se estar, e onde muitas aprendizagens aconteciam...*

Esse foi um dos belos exemplos que encontramos em que os adultos conseguiram "responsabilizar" as crianças pela organização do espaço. Em salas com crianças entre três e, pelo menos, seis anos, essa é uma ideia que pode ser ótima, nas horas em que as crianças forem brincar nos "cantinhos".



Outras coisas simples, como guardar os materiais depois de uma brincadeira de desenho, ou pintura, também podem ser feitas, ajudando a envolver as crianças na arrumação da sala. As crianças que quiserem podem até ajudar a varrer a sala.

É claro que você pode dar noções de arrumação para as crianças, mostrar onde guardar as coisas, como lavar os pincéis, etc.



Se a sala ou o seu centro de educação tiver algum animal, ou até mesmo plantas e flores, é bom envolver as crianças nos seus cuidados, deixar que elas dêem comida, reguem, etc. Provavelmente será preciso criar um rodízio entre as crianças que se oferecem para cumprir essas tarefas, para que todas que quiserem tenham chances de participar.



### Arrumando mesas e fazendo matemática

Na hora das refeições, é possível pedir voluntários para colocar e tirar a mesa. Muitas crianças adoram ajudar e, como vimos no fim do Capítulo 17 da nossa história, podemos até fazer atividades matemáticas excelentes na hora de arrumar as mesas. Para isso, basta encarregar uma criança de colocar os talheres para uma mesa de três ou quatro lugares, sem dizer a ela como ela deve fazer.

Essa é uma das sugestões do clássico livro *A criança e o número*, da americana Constance Kamii. Ela mostra como, nessas situações, as crianças são levadas a fazer atividades de contagem e de comparação.

Outras situações, como a distribuição de papel, de tesourinhas, de bolachas e muitas outras, podem ser aproveitadas para encarregar uma criança de pegar objetos "para todas do grupo".

Conforme a idade das crianças, você pode dividir a sala em grupos de poucas ou mais crianças. Assim, criam-se mais algumas oportunidades para desafiar o pensamento da criança e fazer atividades básicas para a compreensão do conceito de "número", ao mesmo tempo em que as crianças tornam-se responsáveis pelas atividades de distribuição de comida e de materiais na sala.



### Conduzir atividades de rotina

De vez em quando, você pode deixar que atividades que fazem parte da rotina da sala sejam realizadas pelas crianças. Por exemplo, a "chamada" (Discussão 6, "Brincando com os nomes") e o "calendário" (Discussão 18) podem ser feitos com alguma criança (ou uma dupla) assumindo o papel de "chefe".

Aliás, essa é uma ótima maneira de você avaliar os efeitos dessas atividades, pois as crianças vão "imitar" a "chamada" ou o "calendário" da maneira que entenderam essas atividades.

Pedir para as crianças conduzirem atividades como a chamada e outras, dentro da rotina, pode servir como um instrumento de avaliação de seu trabalho com elas, além de envolvê-las mais ativamente no funcionamento da classe.



### Discutir as regras de passeios e visitas

Se os passeios e as visitas fazem parte da rotina de seu grupo, as discussões sobre os lugares que serão visitados e sobre as regras a serem seguidas podem ser feitas com e pelas crianças, como vimos na Discussão 7.



### Escolher as brincadeiras

Essa sugestão vem sendo feita ao longo de quase todas as discussões: que as próprias crianças comecem a sugerir e a organizar o desenvolvimento de inúmeras brincadeiras como os "jogos de imitação", ou "o binômio fantástico", que nós vimos na discussão anterior. Outro exemplo: nas **brincadeiras** de "ditado", elas mesmas podem escolher as palavras e frases que vão tentar escrever e você pode, por exemplo, permitir que as crianças joguem em duplas, ou em pequenos grupos, começando e terminando o jogo por iniciativa própria.



Toda vez que as crianças jogam juntas, qualquer que seja o jogo, estão aprendendo a cooperar. Se pensarmos bem, vamos perceber que deixar que elas se responsabilizem pela escolha de uma brincadeira, pela sua condução e pelo cumprimento das regras é uma ótima maneira de formar pessoas que vão saber dialogar e trabalhar em equipe.



### "Por que estamos fazendo essa atividade?"

Muitas vezes as crianças são levadas a fazer coisas sem saber o porquê delas. Por exemplo, talvez você já tenha visto salas de pré-escolas em que todas as crianças ficam fazendo "bolinhas" de papel, sem saber para que elas vão servir. A professora poderá até dizer que está trabalhando coisas como a "coordenação motora fina" das crianças, mas a verdade é que as crianças estão se enchendo.

Ninguém gosta de fazer as coisas sem saber por quê. Se for para fazer bolinhas (o que não é uma necessidade básica da infância, ao contrário do que parecem pensar muitos pedagogos da pré-escola), é melhor fazer com que elas sirvam para alguma coisa, nem que seja algo como: "Que tal fazer comida para o nosso urso?".

Um grande sociólogo francês do século XIX, Alexis de Tocqueville, disse, sabiamente:

*O homem é feito de tal modo que prefere ficar imóvel a marchar sem independência em direção a um objetivo que ignora.<sup>1</sup>*

Quando as crianças, como qualquer um de nós, se interessam por um projeto, tornam-se muito mais ativas e aprendem muito mais, mesmo brincando.

Sempre que possível, lembre-se de explicar o porquê das atividades que você sugere que as crianças façam. Assim, elas terão mais chances de realizar "ações inteligentes" pois, como já definia com precisão John Dewey, em 1916:

*Agir com um objetivo é o mesmo que agir inteligentemente.<sup>2</sup>*



### Escolher temas de pesquisa

Essa é uma ideia importante, que é trabalhada na Discussão 9 (sobre as ciências) e na Discussão 15 (sobre a televisão e as novas mídias). O mundo de hoje, a rua, a casa, a televisão, oferecem milhares de temas que despertam a curiosidade das crianças, e sobre os quais elas podem querer saber mais.

Se um tema de pesquisa surge a partir de um debate entre as crianças, certamente os resultados do trabalho de pesquisa serão muito mais bem aprendidos do que quando a criança estuda alguma coisa "obrigada". **As aprendizagens mais importantes acontecem quando nós buscamos informações em função de um projeto pessoal**, e dependem da nossa vontade de aprender mais sobre algum assunto. É assim conosco, é assim com nossas crianças, e você pode sempre ajudar as crianças nessas pesquisas, e aprender junto com elas, em livros, na Internet, conversando com outras pessoas, etc.



As escolas, normalmente, dão pouco espaço para as crianças ficarem responsáveis pela pesquisa de temas de seu interesse. Depois, surpreendem-se com as reclamações de que as crianças não têm método para trabalhar, não sabem planejar, organizar informações, etc.

Certamente as crianças que saem de uma escola em que puderam assumir a responsabilidade por inúmeros projetos de pesquisa vão ouvir esse tipo de reclamação muito menos...

Também vale lembrar que, quanto mais velhas forem as crianças, mais profundamente a intencionalidade dos projetos de pesquisa – o "por que estamos fazendo isso?" e "o que estamos querendo saber?" – poderá ser explorada. É claro que o mesmo tipo de intencionalidade pode ser explorado em outras atividades como dramatizações, invenção de histórias, etc.



### Costura e marcenaria, duas atividades clássicas na pré-escola

Muitas experiências têm sido feitas em creches, centros comunitários, espaços de educação alternativos e até mesmo em algumas escolas públicas, com o ensino de atividades como a costura, a confecção de objetos de madeira, etc.

1. Alexis de Tocqueville. *A democracia na América*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010, página 92.

2. John Dewey. *Democracia e Educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1959, página 11.



Essas atividades, além de ensinarem novas habilidades, também são úteis para dar novas responsabilidades para as crianças, pois elas aprendem a lidar com instrumentos "de verdade".

Se você tiver a chance, em seu centro de educação, de oferecer qualquer atividade "profissionalizante", mesmo bem mais complexa que as sugeridas aqui, estará enriquecendo muito o trabalho educativo.



### Aprendendo a aprender

Vamos apresentar neste item, de forma hiper-resumida, algumas ideias desenvolvidas na França pelo pedagogo Antoine de la Garanderie. Basicamente, o que ele quer é tornar as crianças mais responsáveis por suas aprendizagens, fazendo-as "se lembrarem de pensar antes de fazer as coisas", e de não se esquecerem de "conversar consigo mesmas".

Para ilustrar essa ideia, vejamos um longo e belo exemplo, tirado do livro *Todas as crianças podem ter sucesso*, escrito por De la Garanderie e Geneviève Cattan:

#### **Mariela e o quebra-cabeças**

Em uma sala de jardim, Mariela, com cinco anos e meio, resolve fazer um quebra-cabeça de oito peças, copiando o modelo. A professora sugere que ela faça "sem o modelo". Mariela começa, mas logo para:

– *Não me lembro mais.*

É agora que a intervenção da professora segue as ideias de A. de la Garanderie. Ela pega o modelo do quebra-cabeça e diz para a pequena Mariela:

– *Antes de começar, nós vamos olhar bem para o modelo, está bem?*

– *Sim.*

– *A gente olha bem para ele, e conta ele pra gente mesmo, para poder se lembrar daqui a pouco.*

Juntas, a professora e Mariela olham e falam sobre o modelo, enumeram os personagens e os objetos.

– *Agora, feche os olhos e tente rever ou contar o modelo.*

O final dessa pequena história é feliz: Mariela fecha os olhos e esconde a cabeça nas mãos.

Então, uns 10 segundos depois, ela exclama:

– *Pronto!*

Então Mariela faz o quebra-cabeças, sem olhar o modelo e "contando" o desenho ao mesmo tempo.

Para encerrar, a professora pergunta:

– *Como é que você fez para se lembrar?*

Mariela parece não entender, e a professora diz:

– *Você se lembrou sozinha na cabeça, sem o modelo?*

Mariela faz que sim com a cabeça...<sup>3</sup>



Ao longo da interação, a professora está ajudando e ensinando Mariela a usar sua própria memória. No final, ela tenta levar a criança a refletir sobre como ela própria fez para se lembrar do modelo.

Essa reflexão sobre os próprios processos de pensamento, sobre o como a gente fez as coisas, é o que os pedagogos e psicólogos chamam de **metacognição**.

Desenvolver a metacognição das crianças – ou seja, preocupar-se em levá-las a pensar sobre como aprendem, por que erraram, etc. – é um objetivo educativo importante, e sobre o qual se fala cada vez mais, ao ingressarmos no século XXI. O final da Discussão 20 aborda um pouquinho mais essa questão.



Os livros de A. de la Garanderie estão cheios de exemplos de crianças que eram consideradas incapazes de fazer algo e que, depois de uma conversa, sofrem uma transformação.



Um dos casos mais comuns é o de crianças que não conseguem acertar nada nos "ditados". O que de la

3. Traduzido de: Antoine de la Garanderie e Geneviève Cattan, *Le dialogue pédagogique avec l'élève*. Paris: Centurion, 198, página 89.



Garanderie sugere é que o adulto use frases como:

*Vá com calma... Preste atenção na palavra e depois tente vê-la em sua cabeça... Repita a palavra para você mesmo, antes de tentar escrever... Você consegue lembrar da forma da palavra?... Você percebe as letras?... Tente dizer ou ver cada letra...*

Os resultados de uma técnica tão simples são incríveis, e as performances escolares de muitas crianças mudam da noite para o dia, "só" porque elas aprenderam que podem usar a cabeça... Qualquer criança pode tirar benefícios de uma ideia como essa.



### Tentando lembrar de figuras e de palavras

A partir das ideias dos parágrafos acima, você pode experimentar uma atividade com suas crianças, a partir dos cinco anos.

Trata-se simplesmente de tentar memorizar uma lista de desenhos, ou de palavras. Olhar a lista, tirá-la da vista e tentar lembrar-se dela, depois de um tempo.

Você pode experimentar primeiro fazer a brincadeira sem dar nenhuma dica para as crianças, e ver o que elas lembram.

Na segunda vez, você pode sugerir que, ao olhar a lista, ela "descreva para si mesma o que está vendo, para poder lembrar depois, quando não estiver mais olhando."

Essa brincadeira – que, como todas as brincadeiras só será feita por crianças que quiserem brincar, sem que elas sejam "punidas" por suas respostas "erradas" – pode ter um efeito muito grande sobre a capacidade da criança de aprender. Vale a pena experimentá-la, adaptando o conteúdo dos desafios e o tamanho das listas às possibilidades de cada criança.



Com exercícios desse tipo, afirma Antoine de la Garanderie, você está ensinando para suas crianças "gestos mentais" que irão ajudá-las a se responsabilizar por suas aprendizagens, mobilizando sua imaginação, construindo sua confiança e preparando-as para enfrentar até os desafios da escola mais tradicional.



Falaremos um pouco mais sobre a responsabilidade pelas próprias aprendizagens na última discussão, quando tratarmos da questão da avaliação.



### Responsabilidade e disciplina

Essa é uma das ideias mais importantes discutidas neste livro: a de que a disciplina de um grupo de crianças é um assunto tão importante que as próprias crianças é que devem se encarregar, o máximo possível, pela criação de regras de convívio. Essa, na opinião de um dos maiores psicólogos da história, era a melhor maneira de "ensinar democracia". Vejamos o que dizia o grande Jean Piaget:

#### A ideia menos famosa de Piaget – o "autogoverno"

Piaget foi o psicólogo que teve mais influência sobre a educação, mas ele escreveu muito pouco sobre o assunto. De todas as suas ideias sobre pedagogia, a que ele defendeu mais explicitamente é a de que as escolas deveriam incentivar o "autogoverno" das crianças.

Mas, quando se fala e se utiliza o nome de Piaget para defender as práticas educativas mais diversas, sempre se esquece de falar dessa sua principal ideia para as escolas. Nos livros *Para onde vai a educação?* e *O juízo moral na criança*, Piaget diz claramente o que pensa:

*Unicamente a vida social entre os próprios alunos, isso é, um autogoverno levado tão longe quanto possível e paralelo ao trabalho intelectual em comum, poderá levar a esse duplo desenvolvimento de personalidades donas de si mesmas e de seu respeito mútuo.<sup>4</sup>*

Apesar de radical, a ideia contém um ponto de vista que parece claro: só crianças que dialogam, discutem, tomam e aplicam decisões em equipe estarão se preparando bem para serem cidadãos de uma democracia, ou seja, pessoas que sabem dialogar e tomar decisões em conjunto, sem recorrer ao autoritarismo.

Veja o que dizia Piaget sobre como as escolas podem conseguir isso:

*O problema é saber o que vai preparar melhor a criança para seu futuro papel de cidadão. Será o hábito da disciplina exterior adquirido sob a influência do respeito unilateral e da coerção adulta,*

4. Jean Piaget. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, página 63.



*ou será o hábito da disciplina interior, do respeito mútuo e do autogoverno?*<sup>5</sup>

*A criança, quando não está como na escola condenada à guerra contra a autoridade, é capaz de disciplina e de vida democrática.*<sup>6</sup>

*Nós vimos que as crianças eram capazes de democracia: vale a pena utilizar essas tendências infantis em vez de deixá-las se perder ou dirigi-las contra a autoridade adulta, como é tão frequentemente o caso na vida do colégio e nos devaneios da adolescência.*<sup>7</sup>



Não que a **disciplina** não seja importante para Piaget, e para muitos outros autores. Mas eles acham que ela é tão importante que só pode ser **implantada pelas próprias crianças**.

Mesmo que você não pratique o "autogoverno" com suas crianças, e mesmo que possa haver um pouco de ingenuidade na posição do grande psicólogo, não é interessante pensar sobre a questão colocada por Piaget e ignorada pela imensa maioria daqueles que se dizem inspirados por ele?



### O tabefe de Makarenko – impondo a democracia "na marra"

Criar um ambiente de diálogo nas salas de aula, quando as crianças já se acostumam desde cedo a ouvir caladas e a esperar instruções, pode não ser fácil. Vamos ver um exemplo extremo disso:

O educador soviético (Ucrânia) Anton S. Makarenko (1888-1939) é muito conhecido entre os educadores que trabalham com crianças "de rua" e com "delinquentes". Nas décadas de 20 e 30 do século XX, ele esteve envolvido na direção de "colônias para órfãos delinquentes" na União Soviética convulsionada pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução Comunista.

As colônias de Makarenko se transformaram em exemplos de comunidades autogovernadas, e uma delas chegou até a se transformar numa excelente fábrica de lentes fotográficas. Toda a sua incrível pedagogia era baseada na ideia de que os próprios adolescentes deveriam se autogovernar para trabalhar em cooperativa e que a submissão a essa coletividade forte era a única maneira de "regenerá-los". A sua própria experiência mostrou que ele estava certo, e até hoje serve como inspiração para quem trabalha com crianças e adolescentes "em situação de risco".

Mas o começo não foi fácil, como conta Makarenko em *O poema pedagógico*:

*Os primeiros meses de nossa colônia foram para mim e os meus companheiros não só meses de desespero e esforço impotente – foram também meses de procura da verdade.(...) A colônia assumia cada vez mais o caráter de um covil de ladrões. No relacionamento entre educandos e educadores já se firmava um tom de permanente escárnio e baderna.*<sup>8</sup>

A situação se tornou quase insuportável, até com ameaças de assaltos aos educadores e exibição de facas. Makarenko conta como perdeu a paciência:

*E por fim aconteceu: não consegui me manter na corda bamba pedagógica.*

*Certa manhã de inverno, sugeri a Zadórov que fosse rachar lenha para a cozinha. E ouvi a costumeira resposta alegre e zombeteira:*

*– Vai rachar você mesmo, vocês são muitos aqui!*

*Era a primeira vez que ele me tratava por "você".*

*Ofendido e encolerizado, levado ao desespero e à fúria por todos os meses precedentes, levantei o braço e apliquei um bofetão na cara de Zadórov. Bati com força e ele não se aguentou de pé e caiu sobre a estufa. Bati mais uma vez, agarrei-o pelos colarinhos, suspendi-o e o esbofetei pela terceira vez.*

*E percebi de repente que ele estava terrivelmente assustado. Pálido, as mãos trêmulas, apressado, ele pôs o boné na cabeça, tirou-o e colocou-o de novo. Eu ia na certa bater-lhe mais ainda, mas ele murmurou num gemido lamentoso:*

*– Desculpe, Anton Semiónovitch...<sup>9</sup>*

E assim nascia uma pedagogia do trabalho e da autogestão que revolucionou todas as concepções sobre

5. Jean Piaget. *O juízo moral na criança*, São Paulo: Summus, 1994, página 270.

6. Idem, página 271.

7. Idem, p. 273.

8. Anton S. Makarenko. *Poema pedagógico – vol. 1*. São Paulo: Brasiliense, 1987, página 25.

9. Idem, página 25.



as capacidades de cooperação e de recuperação de crianças "delinquentes" e "criminosas". Makarenko firmou sua autoridade, e descobriu a raiz do mal que aflige as "crianças de rua": a indiferença, à qual as crianças preferem até mesmo a violência...



É bem provável que você não esteja trabalhando com um grupo de adolescentes órfãos e delinquentes que precisam cortar lenha e, portanto, você deverá ter menos dificuldades para organizar as coisas...

Makarenko foi levado a um extremo em que, quase irracionalmente, tomou a única atitude que era capaz de impô-lo como um ponto de referência para os violentos órfãos adolescentes soviéticos. Fazendo uma piada, podemos dizer que esperamos, sinceramente, que você tenha menos dificuldades para virar um centro de referência para seu grupo de crianças...



O adulto é uma pessoa especial em meio a um grupo de crianças, e o sociólogo Émile Durkheim chegou a defender a noção de que *a sala de aula é uma monarquia*<sup>10</sup>, frase que serviu de inspiração para a "História do Pequeno Reino", vista como a trajetória de uma Rainha que queria educar e abrir mão de seu poder, transformando Súditos e Súditas de uma monarquia escolar em cidadãos prontos para a democracia.



A autoridade do adulto existe e as crianças contam com ela. Quando você achar que as coisas estão "passando do ponto", em termos de desordem ou de violência, **não hesite em reafirmar sua autoridade**. É provável que ao contrário de Makarenko, que só fez isso aquela vez, você nunca precise bater em ninguém, e todos nós somos contra qualquer forma de agressão às crianças.

Mas **abrir mão de seu papel de autoridade e de definidora dos limites é trair as crianças**, e tornar muito mais difícil o estabelecimento de qualquer forma de democracia na sala. Quando os adultos abrem mão de seu papel, ajudam a formar crianças que só vão entender as coisas "no tapa e no grito".

Em resumo, a coerção social exercida com bom senso, coerência e clareza, por adultos que amam as crianças, é a base indispensável para que elas possam desenvolver o conhecimento de regras e o autocontrole de que irão precisar até mesmo para poder brincar e dialogar com os outros.



### O conselho de classe

Uma forma de introduzir um pouco mais de "autogoverno" nas rotinas de um grupo de crianças é incentivando a implantação de um **Conselho de Classe**, que é um momento em que, sob a coordenação de um adulto, as crianças podem discutir o que aconteceu nos últimos tempos, dar ideias, reclamar de outras, dos adultos, etc.

O conselho de classe pode ser até uma espécie de solenidade, com uma "abertura", organizadores de debates, direito de resposta, etc. Você, principalmente nas primeiras vezes, pode ajudar a organizar esse momento, e até fazer o papel de mediador, de moderador dos debates. Esse momento, que pode receber qualquer outro nome (como "oficina da palavra" ou "hora da discussão"), pode tornar-se importante na rotina das crianças.

Fernand Oury e Aida Vasquez, educadores que, na França, usaram bastante os conselhos de classe nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, falam sobre as dificuldades e as surpresas que aparecem quando abrimos esse espaço para a expressão das crianças, das reclamações e discussões que podem surgir, etc.

Eles contam que às vezes não é fácil transformar o conselho de classe em um momento de expressão autêntica das crianças, mas afirmam que ideias assim são necessárias à pedagogia. Eles dizem, com muito bom senso, que:

*O espantoso é que se continue a acreditar que é indispensável fazê-los calar para ensinar a comunicação e a linguagem!*<sup>11</sup>

Mesmo se você não implementar momentos como um conselho de classe, fica a sugestão de pensar em abrir espaço para a expressão das crianças, para que elas possam "tirar a limpo", dialogando, diferenças entre elas, fazer reclamações e sugestões, combinar novas regras, etc.



### Em busca da democracia

Em um livro de 1997, *Disciplina democrática*, os americanos Randy Hoover e Richard Kindsvatter discutem

10. Émile Durkheim. *L'éducation morale*. Paris: P.U.F. 1974, página 164.

11. Aida Vasquez e Fernad Oury. *Da classe cooperativa à pedagogia institucional - vol. 3*. Lisboa: Stampa, 1977, página 54.



a democracia, dentro da escola moderna. Muito próximos de ideias como as de Piaget ou as de John Dewey ("As escolas como comunidades", Discussão 10), eles afirmam:

*A democracia é um modo de vida e se nós damos valor à formação do caráter e da cidadania, devemos considerar como podemos **oferecer aos estudantes oportunidades para praticar os comportamentos e as tomadas de decisão que levem à compreensão da moral e da democracia.***<sup>12</sup>

É exatamente isso que tentamos fazer nessa discussão, dar algumas ideias para que as brincadeiras, os diálogos e a licença para dar opiniões e discutir regras possam fazer mais parte da vida escolar das crianças.

É claro que essas foram apenas algumas sugestões, e que a democracia perfeita é algo que não existe. A democracia é uma conquista, uma luta cotidiana para dar voz a todos os participantes dos processos sociais, em vez de ceder às fáceis tentações da preguiça, da passividade e do autoritarismo.



## Resumindo

Esta é mais uma ideia que parece apelar para o puro bom senso: crianças que viverem experiências de democracia vão aprender mais sobre democracia do que crianças que apenas receberem, caladas e imóveis, aulas sobre democracia.

As ideias que acabamos de ver têm um potencial que não se esgota na pré-escola pois, quanto mais velhas forem as crianças, mais a responsabilidade pela organização do dia a dia e até pelo planejamento do trabalho educativo poderá ser dividida com elas.

Para encerrar e resumir esta discussão, fica a sugestão de que você se pergunte, de tempos em tempos, alguma coisa como:

- "Em que medida eu estou dando responsabilidades para as crianças?"
- "O que eu estou fazendo que elas poderiam começar a fazer?"
- "Estou ajudando a formar para a democracia?"<sup>13</sup>



12. Traduzido de: Randy L. Hoover e Richard Kindsvatter. *Democratic discipline*, Columbus: Prentice-Hall, 1997, página 83. Nosso grifo.  
13. No *Blog do Luca* você encontra um artigo de 2010 que discute um pouco mais as relações entre escola e democracia. Veja o texto "Pequeno Reino – Artigo 4".

Esta discussão faz parte da proposta pedagógica "A História do Pequeno Reino", de Luca Rischbieter, que pode ser acessada no endereço: [www.luca.br](http://www.luca.br) - Ilustrações Franklin Agostinho. ©2011 Luca Rischbieter. Todos os direitos reservados.